

*Fui-me habituando a olhar com a devida serenidade para a crítica, mesmo a desbocada e malcriadona*

## *Dois exemplos pouco edificantes*

**É** uma espécie de lei de bronze na vida das instituições em Portugal: lá no fundo, detestamo-las. E todos achamos que faríamos melhor do que os que lá estão. Melhor? Não, muito melhor.

O fenómeno torna-se mais impressionante sempre que acabam mandatos. Nessa altura, saltam da toca os odiosinhos de estimação, as tentativas de ajustes de contas, o cortar infundável na casaca, a entrada em liça de disputas várias.

Tudo isto está a vir ao de cima - como era natural antes - agora que se iniciou, ou se vai iniciando, o processo de substituição do Conselho Regulador da Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERC). É, repito, normal tão grande burburinho. E ainda mais previsível tratando-se da ERC, porque esta mexe com o espaço público, com órgãos de comunicação social, e ali se digladiam muitos poderes e interesses. Não conheço instituições perfeitas, acho que não conheço (felizmente) pessoas perfeitas. E fui-me habituando a olhar com a devida serenidade para a crítica, mesmo a desbocada e malcriadona. São as regras do jogo: uma das coisas mais fascinantes das liberdades de expressão e de opinião é o facto de protegerem e ampararem todos com muito

carinho, incluindo os ignorantes ou aqueles que actuam com a mais repulsiva má-fé.

Apenas dois exemplos breves, muito recentes, que comprovam quão ricas são aquelas duas liberdades, estruturantes e definidoras do Estado de Direito Democrático. Cintra Torres, cronista deste jornal, pela enésima vez dirige-me insultos pessoais, assim como a outros membros do Conselho Regulador. Nada de novo, a prática é tão crónica como as suas crónicas. Manuel Falcão, num tempo e argumentação próximos, lança noutra jornal impropérios do mesmo género - embora, salvaguardo, em termos menos rastejantes.

Atrever-se este sublime par a falar de independência ou de ausência dela na ERC é obra, coisa quase chocante. Imagine o leitor dois actores porno, algo desgastados é certo, a fazerem campanha pública pela virgindade antes do casamento. Mas nem isso chega. Imagine que esses dois actores porno também defendiam a castidade...depois do casamento. E terá chegado a um retrato bastante fiel sobre a credibilidade que lhes reconheço para me darem lições ou ralhetes em matéria de independência.

Que, depois, Manuel Falcão, falando do processo de escolha no Parlamento dos membros do Conselho Re-



**J. A.  
Azeredo  
Lopes**

gulador, o qualifique como “negociata parlamentar”, assusta, só de pensar na sua “negociata”, a que terá em mente e que pelos vistos, se pudesse, aplicaria. Que, finalmente, num estilo arrebicado, fale da ERC a propósito do modelo de televisão digital terrestre é surreal. Não sabe quais as competências da ERC, e confunde-a com o legislador; desconhece quais as suas tomadas de posição públicas sobre a temática; e ignora que até houve uma audição parlamentar, solicitada pelo PSD, devido a posições não coincidentes sobre a matéria da TDT entre o regulador do audiovisual e a ANACOM. Sempre o disse: pior do que a má-fé é a ignorância que se julga sapiente.

Hesitei, sem saber como rematar texto sobre assunto tão pouco edificante. Até que verifiquei que Manuel Falcão tinha dado uma ajuda preciosa no artigo que escrevi e a que aqui faço referência. Lá, inclui uma frase lapidar de Bernard Shaw (suponho que como autocritica inconsciente). Agradecendo, retomo-a: “O ódio é a vingança do covarde.”

Não seria capaz de fechar melhor.  
*Presidente do Conselho Regulador da Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERC)*